

CONFERÊNCIAS

O POETA AMÉRICO ELÍSIO, "ALTER EGO" DE JOSÉ BONIFÁCIO, HOMEM DE CIÊNCIA E HOMEM PÚBLICO (*).

Situação histórica de Américo Elísio.

Por incrível que possa parecer, José Bonifácio, que é, sabidamente, uma das maiores figuras do fim do século XVIII e comêço do século XIX, no campo das ciências naturais, da tecnologia agrícola e industrial, e também um dos mais ilustres e atuantes homens públicos da nossa Independência — começou sua carreira intelectual como poeta; na poesia se refugiou, mais de uma vez, das decepções e das amarguras da vida política; e ao pensar, na altura dos 60 anos, em garantir, na memória dos pósteros, o seu nome, foi em suas poesias reunidas e publicadas, em 1825, em Bordéus, que confiou.

Razão há, portanto, em abrir esta série de conferências comemorativas do II Centenário do nascimento do notável santista, na realidade autêntico cidadão do mundo, com o estudo de sua obra poética.

Tôda a obra poética de José Bonifácio, assinada com o pseudônimo de Américo Elísio, foi selecionada, ordenada e publicada pelo autor, em 1825, em Bordéus, sob o título: **Poesias Avulsas de Américo Elísio**. Na segunda edição, já póstuma, dessa obra, editada em 1861, acrescentou o editor mais quatro poemas do autor ("Ode aos Baianos", "Ode aos Gregos", "O Poeta Desterrado" e "Cantigas báquicas") e na terceira edição, de 1942, ainda acrescentou, Afrânio Peixoto, mais um poema, "Quadras para cantar: instantes afortunados".

Se bem não haja, a não ser em poucos casos, uma indicação segura das datas dos poemas de Américo Elísio, nem

(*) — Conferência nas comemorações do II centenário do nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva. Santos, 6 de junho de 1963 (Nota da Redação).

tenha êle respeitado, na ordenação de seus poemas um critério cronológico, creio possível estabelecer, pelo menos em linhas gerais, o sentido da evolução de sua carerira poética: de 1779 (data do soneto "Improvisado", escrito aos 16 anos) até 1790 (data do poema **Ausência**, escrito em Paris) pode dizer-se que se desenvolve a primeira fase da carreira do poeta: é a fase da "musa juvenil", expressão sua, a qual compreende os anos do estudante em São Paulo, no curso preparatório do bispo D. Frei Manuel da Ressurreição, e ainda a do estudante em Coimbra, para onde foi, em 1783, e donde saiu, formado em Direito e Filosofia Natural, em 1789. O poema **Ausência**, escrito em Paris, em 1790, julgo encerra esta fase, que foi a da juventude e a do estudante, que embora sempre distintíssimo, não fugiu à regra do gosto escolar e acadêmico pela poesia, então bastante valorizada como expressão de cultura e como garantia de prestígio intelectual e social. De 1790 a 1823 (ano em que José Bonifácio parte para o exílio em Bordéus, depois do golpe de estado que dissolveu a primeira Constituinte brasileira) pode-se pôr a fase menos fecunda de Américo Elísio, pois José Bonifácio entrega-se então de corpo e espírito, à sua atividade científica, que lhe valeu merecido prestígio internacional, e por vinte anos em Portugal, a intenso labor técnico e administrativo. Incidentais são as composições desta época; entre elas: "Ode ao Príncipe Regente de Portugal", "Epigrama ao Ministério de L. de V. e do C. de V. V.", "Ode ao Sr. D. João VI" e "O Brasil: Versos remetidos de Itú, em 1820, ao Sr. D. João VI". Finalmente, de 1823 ao fim da vida do poeta, a última fase de sua atividade, em que cabe a elaboração de suas eruditas e melhores traduções do grego e do latim (Hesíodo, Píndaro, Meleagro e Virgílio); em que publica, em 1825, em Bordéus, seu único volume de poesia, o conhecido **Poesias Avulsas de Américo Elísio**; e em que escreve os poemas "Ode aos Baianos", "Ode aos Gregos" e "O poeta desterrado", publicados, como referi, na segunda edição das **Poesias avulsas**.

A idéia da evolução da atividade poética de Américo Elísio, em termos de três fases, se não se pode tomar ao pé da letra, pois no labor de todo poeta há uma unidade orgânica, permite-nos, contudo, compreender que são dos anos de juventude e, bem mais tarde, da maturidade dos 60 anos, a maior produção do Poeta; e não só a maior produção, senão a melhor, e, portanto, aquela que vale a pena analisar, para a com-

preensão dessa outra medida da personalidade de José Bonifácio.

Na fase juvenil e de adolescência, isto é, dos 16 aos 27 anos, encontramos em José Bonifácio ou, se preferem, no seu “alter ego” Américo Elísio (Américo sugeria a naturalidade do poeta; e Elísio, nome do prestigiado amigo de José Bonifácio, Filinto Elísio, sugeria, como desde a velha mitologia grega, “a das almas virtuosas e dos heróis”) — o poeta que confessa seus momentos de intensa paixão amorosa, de ardorosa e corajosa profissão de fé na sua poesia como voz da liberdade (“Ode à Poesia”, 1785) e de empolgada defesa das novas e revolucionárias idéias do século, acêrca da criação e da concepção do Universo, da Natureza e do Homem, da superioridade da vida dos sábios, feita só do convívio e da amizade com altos espíritos e na contemplação da natureza (“Ode à amizade”; “A Criação”; “Epístola, 1785”).

Aqui, a filiação do poeta às então dominantes correntes da cultura e da poesia europeia é fácil de determinar, desde que se tenham presentes alguns fatos da história cultural portuguesa e brasileira do último quartel do século XVIII. Depois da campanha da atualização da cultura portuguesa, em face da cultura além-Pirineus, promovida por homens como Rafael Bluteau, José Valadares e Sousa, Manuel de Azevedo Fortes e principalmente Luís Antônio Verney, a quem se devem, a partir de 1750, a reforma do ensino português; e depois da obra crítica e literária da geração da Arcádia Lusitana, iniciada em 1756, em favor do Arcadismo e do Neoclassicismo; e depois da reabilitação, em Portugal, das Ciências Naturais, levada a efeito pelo Duque de Lafões e pela sua Academia Real das Ciências de Lisboa — estavam indicados, ao jovem poeta santista, primeiro estudante de Humanidades em São Paulo, em seguida acadêmico em Coimbra, os rumos formais e temáticos de sua poesia, sabidamente os mesmos da poesia de seus contemporâneos, como Correia Garção, Domingos dos Reis Quita, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Cláudio Manuel da Costa, Marquesa de Alorna, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e Bocage.

Mas o que importa para a compreensão da personalidade do poeta Américo Elísio não é saber que, entre os anos, **grosso modo**, de 1780-1790, foi êle um poeta em todo o sentido atualizado em face da vanguarda intelectual e poética que realizava corajosa e revolucionária renovação da cultura portuguesa e brasileira. Importante é definir as peculiaridades de

sua inspiração. E a êste propósito creio se pode dizer que no poeta adolescente, lírico-amoroso e de idéias, já estavam às características de espírito e de temperamento do homem de ciência e do político que veio a ser José Bonifácio, de 1790 ao fim da vida. Refiro-me, ao sentido atualizado de sua cultura intelectual, ao seu entusiasmo pelas verdades novas do espírito, à sua coragem moral na denúncia de tôdas as formas de aviltamento do homem e da inteligência, e à paixão que lhe dominou a sensibilidade amorosa e mais tarde tôdas as manifestações da afetividade.

Mais explicitamente do que eu, pode o jovem poeta Américo Elísio definir sua personalidade de sentimental tocado de ardente passionalidade, e a de intelectual combativo e vigoroso nas idéias que defendeu. Pelo lírico-amoroso pode falar, entre outros, êstes momentos de confissão amorosa:

Improvisado

Derminda, êsses teus olhos soberanos
Têm cativado a minha liberdade;
Mas tu cheia, cruel, de impiedade
Não deixas os teus modos desumanos.

Por que gostas causar dores e clamores?
Basta o que eu soffro: tem de mim piedade!
Faze a minha total felicidade,
Volvendo-me êsses olhos mais humanos.

Já tenho feito a última fineza
Para ameigar-te a rija condição;
Ês mais que tigre, foi baldada emprêsa.

Podem meus ais mover à compaixão
Das pedras e dos troncos a dureza,
E não podem abrandar um coração?

*

* * *

A Primavera

Môço, bebamos; enche o copo, bebe:
Já novas rosas nôvo aroma espargem.
Eia ligeiros ao jardim desçamos
De Nise asilo.

Outra vez quero renovar amôres,
A Filomela acompanhando a lira:
Que gema Nise, como aquela geme,
Entre seus braços.



Medalha do Patriarca. (anverso e reverso).

Instituída pelo Decreto n.º 2.487, de 14 de abril de 1963, assinado pelo Prefeito Municipal de Santos, a fim de comemorar o bicentenário de nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva.



Selo postal comemorativo e carimbo obliterador utilizado simultaneamente em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Santos, durante todo o mês de junho de 1963.

No canto escuso do rosal cheiroso
A Baco brinde, como aqui lhe eu brindo;
Brinde aos amôres, que coas rosas voltam,
E com elas brincam.

A vida acaba; muda-se a Fortuna,
Que bens e males sem juízo espalha:
Os que hoje vivem amanhã morrerão:
Amemos hoje.

*

* *

Sonêto

Eu vi Narcina um dia, que folgava
Na fresca borda de uma fonte clara:
Os peitos, em que Amor brinca e se ampara,
Com aljófradas gotas borrifava.

O colo de alabastro nu mostrava
A meu desêjo ardente a incauta ávara.
Com penteagudas setas, que ela hervara,
Bando de Cupidinhos revoava.

Parte da linda coixa regaçado
O cândido vestido descobria;
Mas o templo de amor ficou cerrado:

Assim eu vi Narcina — Outra não cria
O poder da Natura, já cansado;
E se a pode fazer, que a faça um dia.

*

* *

Ode

As nítidas maminhas vacilantes
da sobrehumana Eulina,
Se com fervidas mãos ousado toco,
Ah! que me imprimem súbito
Elétrico tremor, que o corpo inteiro
Em convulsões me abala!

O sangue ferve: em catadupas cai-me...
Brotam-me lume as faces...
Raios vibram os olhos inquietos...
Os ouvidos me zunem!
Fugir me quer o coração do peito...
Morro de todo, amada!

Fraqueja o corpo, balbucia a fala!
Deleites mil me acabam!
Mas ah! que impulso nôvo, ó minha Eulina!
Resistir-lhe não posso...
Deixa com beijos abrasar teu peito:
Une-te a mim... morramos.

*

* *

Quatro nuanças, e em gradação, dos estados sentimentais de Américo Elísio: protesto contra a indiferença e a impiedade da amada, ante todos os empenhos do poeta para conquistá-la; n'**A Primavera**, ode sáfica, a apologia dos prazeres dionisíacos e o convite ao amor pleno, única forma de compensar a brevidade e a caducidade da vida, e a precariedade da felicidade humana. No sonêto, um quadro de excitante e ousado realismo afrodisíaco, e na ode, a análise de tôdas as manifestações psíquicas e físicas, da acesa passionalidade do poeta.

Estou convencido de que os dois últimos exemplos da lírica amorosa de Américo Elísio são impróprios para uma conferência de grande público, pelo que inevitavelmente chocam a delicadeza de sensibilidade, e o pudor, comuns a tôdas as pessoas. Mas tudo é preciso entender: os temas sensualistas e dionisíacos, bem como uma visão realista da vida e a da natureza humana, são típicos da poesia da segunda metade do século XVIII, quando o Neoclassicismo restabeleceu o prestígio dos poetas eróticos gregos e latinos (Safo e Ovídio); o Arcadismo reabilitou a vida em têrmos de um estado natural, isto é, sem os artifícios das conveniências sociais; e as teorias novas da Filosofia Natural procuravam surpreender o homem numa medida mais verídica.

No sentido dessas sugestões criou Américo Elísio a sua poesia lírico-amorosa, e partindo de temas como o do **Sonêto Improvisado**, escrito aos 16 anos, em que já é um poeta atualizado, se bem não seja de todo original, porque protestos contra a incorrespondência feminina superabundam na poesia anterior e contemporânea, — partindo, digo, do Sonêto **Improvisado**, evoluiu prontamente para temas mais ousados, como novidade e originalidade.

E aqui está, volto a dizer, nas primeiras manifestações do escritor, o espírito de vanguarda, o intelectual ousado e o homem de temperamento, que haveria de ser, como cientista e político, José Bonifácio de Andrada e Silva.

Se da natureza do poeta lírico-amoroso dizem tudo os poemas citados, para o conhecimento do jovem poeta de idéias, basta ler sua **Ode à Poesia**, escrita em 1785, e que é uma profissão de fé na liberdade da Poesia, criada para defender a verdade e não para lisonjear poderosos, o que tantas vêzes ocorrera em épocas de despotismo; basta ler o poema **A Criação**, que é uma interpretação, de acôrdo com as idéias naturalistas do século XVIII, da história do mundo, onde não se encontra, pelo menos à luz da Razão humana, uma explicação para o contraste entre a felicidade da vida em “estado natural” no edem primitivo, e as manifestações de maldade humana ao longo da história da humanidade, sobretudo os crimes dessa humanidade em nome de religiões, de fanatismos e de tiranias; e basta, finalmente, ler a bela **Epístola** de 1785, “escrita em Coimbra no comêço da primavera” em que convida o amigo Armindo a desenganar-se das ilusões da vida urbana, feita de enganos, fingimentos e falsidades, e a procurar, na simplicidade da vida campesina, nos amôres singelos, na verdadeira amizade e no convívio com a natureza e os grandes espíritos, a felicidade, tão bem definida por Horácio, na sua teoria do **fugere urbem** e **vivere in aurea mediocritate**.

Tanto quanto na poesia lírico-amorosa, aqui está, em germe, o intelectual que se imporia como cientista e como político de renome internacional: o entusiasmo pelas verdades do naturalismo científico que levava o homem a retificar tôdas as suas idéias em matéria de Filosofia Moral e Política, e de Religião; a coragem de denunciar todos os crimes do Despotismo, do Fanatismo, e da insana razão; finalmente a crença nas possibilidades da felicidade humana, desde que o homem e a sociedade retificassem, à luz de verdades novas, sua natureza moral e política.

*
* *
*

A partir de 1790, disse-o, Américo Elísio praticamente silenciara. As poesias de circunstância, escritas entre êsse ano e o de 1823, nada acrescentam às promessas do poeta adolescente; e as traduções dos clássicos gregos e latinos, em que pese as suas qualidades técnicas, lingüísticas e poemáticas, e aos seus eruditos e lúcidos comentários, nada têm, obviamente de criação original.

Disse em dois breves estudos acêrca do poeta Américo Elísio, que não foi êle um poeta da altitude de grandes líri-

cos contemporâneos, como Gonzaga e Bocage, mas que, na realidade, tem relevante valor histórico porque foi, por circunstâncias excepcionais, dos poucos poetas setecentistas que acompanharam tôda a evolução da poesia em língua portuguesa, desde o triunfo definitivo do Arcadismo, do Neoclassicismo e do Naturalismo de Setecentos, até o pré-Romantismo. Não há por que ratificar tais idéias. Esta conferência, no entanto, permite-me completá-las, e no sentido de chamar a atenção para o seguinte fato: se as grandes e até excepcionais dimensões de José Bonifácio se encontram no homem de Ciência e no homem público, para o conhecimento da natureza do espírito e do temperamento do notável santista, indispensável é a compreensão de seu “alter ego” Américo Elísio, que valeu pela intuição profunda da sua natureza passional, pela dignidade intelectual e pela excepcional educação literária.

ANTÔNIO SOARES AMORA

Professor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.